

## HISTÓRICO DA GINECOLOGIA NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

José de Souza Costa

*Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia; Salvador, BA, Brasil*

### Origem

A Ginecologia, como especialidade, é de origem relativamente recente no Brasil. Seguindo o modelo vigente na metrópole, durante grande parte da Colônia e os primórdios do Império a atenção à mulher esteve dividida entre os clínicos, provedores de cuidados sistêmicos; os cirurgiões, executores dos procedimentos heróicos; e as parteiras, que prestavam a quase totalidade da assistência reprodutiva.

Cristalizando o desprestígio das mulheres nesse período, os poucos médicos que recebiam treinamento na França, onde as práticas da saúde feminina estavam em estágio mais avançado, lutavam contra a velada indiferença dos colegas, a manifesta oposição dos homens da família e a recatada timidez das próprias pacientes: os males ginecológicos eram ocultados e os nascimentos eram acompanhados por parteiras, espontaneamente assumidas ou aleatoriamente escolhidas pela comunidade entre mulheres de mais idade e longa prática. No Brasil de antanho, na Bahia, antiga capital e grande centro econômico, o ofício de parteira era exercido pelas “comadres”, “curiosas” ou “aparadeiras”, as quais eram geralmente escravas ou negras libertas.

Mesmo com a criação dos cursos médicos no Brasil, iniciado com a instalação, por decreto de 18 de fevereiro de 1808, da Escola de Cirurgia da Bahia, somente ao fim de um longo trajeto a ginecologia foi reconhecida como área de atuação da medicina, pois o seu ensino sempre foi ministrado em conjunção com a obstetrícia, sendo esta a matéria predominante. A cadeira, quando muito, era denominada de Obstetrícia e Ginecologia.

Na primeira reforma do Ensino Médico da Bahia, instituída pela carta régia de 29 de dezembro de 1815, encaminhada ao Governador e Capitão-general da capitania da Bahia, Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, ficou estabelecida a criação de um “curso completo de cirurgia” na Escola de Cirurgia da Bahia, que teve o nome mudado para Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, em consonância com o Plano dos Estudos de Cirurgia, de autoria do Manoel Luiz Álvares de Carvalho, Diretor dos Estudos Médicos e Cirúrgicos da Corte e Estado do Brasil, aprovado pelo decreto de 1º de abril de 1813. O curso foi ampliado para 5 anos, estando previstas para o 4º ano: Instruções cirúrgicas, operações e lições e prática da arte obstétrica, e no 5º ano: Medicina prática e obstetrícia.

Recebido em 07/09/2007

Aceito em 15/10/2007

Endereço para correspondência: Prof. José de Souza Costa, Rua Valdemar Falcão, 1225 Apto. 1201, Edf. Portal Itajubá – Brotas – 40295-001 Salvador-Bahia. E-mail: jdsocosta@terra.com.br.

Em 1830, depois da tentativa reformática de José Lino Coutinho (1827), Francisco de Paula de Araújo e Almeida, professor da Academia Médico-Cirúrgica da Bahia e deputado pelo mesmo estado, apresentou um projeto, no qual sugeria que as academias médico-cirúrgicas da Bahia e do Rio de Janeiro se transformassem em faculdades de medicina, propondo sete anos de duração para o curso médico. Encaminhado pela Câmara dos Deputados à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, para que essa estudasse e elaborasse um plano único, foi criado um anteprojeto, apresentado por José Martins da Cruz Jobim, em nome dessa Sociedade, à apreciação da Câmara dos Deputados do Império. Aprovada em 3 de outubro de 1832, a lei do ensino médico foi assinada pela Regência Trina Permanente e referendada pelo Ministro do Império Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. A duração do curso das estabelecidas Faculdades foi fixada em 6 anos, sendo constituído por 14 cadeiras, ministradas por 14 lentes e seis substitutos, sistematizadas em três seções:

- ✓ ciências acessórias: física, botânica e zoologia, química e mineralogia;
- ✓ ciências médicas: fisiologia, patologia interna, matéria médica e farmácia, higiene e história da medicina, e clínica interna;
- ✓ ciências cirúrgicas: anatomia geral e descritiva, patologia externa, partos, medicina operatória e aparelhos, e clínica externa.

A reforma do ensino 3 de outubro de 1832 desdobrou a cadeira de Operações em duas: Operações e aparelhos e Partos e moléstias de mulheres peçadas e paridas e de meninos recém-nascidos, sendo para esta nomeado o lente Dr. Francisco Marcellino Gesteira, que já ministrava sobre a disciplina desde 1829.

Às faculdades era facultada a emissão de títulos de doutor em medicina, de farmacêutico e de parteira.

Em 1854, o ensino médico foi novamente reformulado pela chamada Reforma Bom Retiro, também conhecida como Reforma Couto Ferraz, instituída pelo decreto nº 1.387 de 28 de abril, aprovado pelo Ministro do Império Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Visconde de Bom Retiro, estabelecendo novos estatutos para as faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Os cursos de farmácia e obstetrícia continuaram funcionando anexos aos de medicina, tendo o de obstetrícia a duração de dois anos, sendo constituído pela cadeira de partos e pela frequência desta clínica no hospital da Santa Casa da Misericórdia da Bahia.

O decreto nº 7.247 de 19/04/1879 estabeleceu a reforma do ensino primário, secundário e superior do Império, sendo referendado pelo Ministro do Império Carlos Leôncio de Carvalho. Inspirada nas universidades alemãs, entre muitas

inovações, como a liberdade de frequência nas faculdades, a permissão do aluno repetir os exames das matérias em que não lograsse habilitação regular, a concessão de salas do prédio das faculdades para funcionamento de cursos livres (docência livre) de matérias ensinadas nos seus cursos regulares, o direito das mulheres de se inscreverem nos cursos, para as quais eram reservados lugares separados nas aulas, a reforma de 1879 previa também que a cada uma das faculdades de medicina ficariam anexos uma escola de farmácia, um curso de obstetrícia e ginecologia e outro de cirurgia dentária.

Quanto ao curso médico, previa o acréscimo de mais duas cadeiras de clínica geral e quatro de clínicas especiais (a obstétrica, a psiquiátrica, a oftalmológica e a de moléstias sifilíticas e da pele), além da criação de três institutos para o ensino prático - Instituto de ciências físico-químicas, Instituto biológico e o Instituto patológico. O curso obstétrico constava das seguintes matérias: anatomia descritiva, física geral, química geral, fisiologia, obstetrícia, farmacologia, clínica obstétrica e ginecologia.

Os títulos conferidos ao final dos cursos referidos eram os de bacharel em medicina, bacharel em farmácia e em ciências físicas e naturais, cirurgião-dentista, e o de parteiro ou de mestre em obstetrícia.

A primeira reforma de ensino do regime republicano, instituída pelo decreto nº 1.270 de 10/01/1891, foi aprovada pelo Governo Provisório do Marechal Deodoro da Fonseca e referendada pelo Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Essa reforma propunha a reorganização das instituições de ensino médico, denominadas agora de Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia e Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro. A autonomia didática era concedida às faculdades com relação ao reconhecimento das habilitações (art. 2º), exigindo-se para a prática da “arte de curar” o licenciamento ou graduação pelas faculdades de medicina federais (art. 7º). O curso passou a ser constituído por 29 cadeiras, distribuídas em 12 seções e seis séries. A frequência tornou-se obrigatória. As disciplinas classificavam-se de modo original:

- ✓ ciências físicas e naturais: física médica, química inorgânica médica, química orgânica e biológica, química analítica e toxicológica, botânica e zoologia médicas, farmacologia e arte de formular;
- ✓ ciências que entendem com a estática e a dinâmica do homem são: anatomia descritiva, anatomia médico-cirúrgica e comparada, fisiologia e histologia;
- ✓ ciências que entendem com a estática e a dinâmica do homem doente: patologia cirúrgica, patologia médica, patologia geral e história da medicina, operações e aparelhos, anatomia e fisiologia patológicas, medicina legal, clínicas propedêutica, cirúrgica, médica, ginecológica, pediátrica, dermatológica e sifilográfica, oftalmológica, psiquiátrica e de moléstias nervosas;
- ✓ ciências que entendem com a estática e a dinâmica do homem são e do homem doente: obstetrícia e clínica obstétrica, higiene e mesologia.

Os cursos anexos às faculdades de medicina e farmácia da Bahia e do Rio de Janeiro passaram a ser os cursos de parteira e de odontologia. O primeiro deles era constituído por duas séries, constando das seguintes matérias:

- § 1ª série: anatomia da bacia, descritiva e topográfica, e dos órgãos genitourinários com respeito à mulher;
- § 2ª série: prática do parto normal e a pequena intervenção obstétrica.

Na Faculdade de Medicina da Bahia, a situação manteve-se inalterada até o início do século XX, quando, após a reconstrução do prédio do Terreiro, ocorreu a separação das “cadeiras de laboratório”, que permaneceram instaladas no imóvel reformado, juntamente com a administração, e as “clínicas”, que foram locadas em edificação inaugurada em 24 de maio de 1906, ao lado do Hospital Santa Isabel da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, instalado desde 1893 no Largo de Nazaré, que passou a ser o campo de práticas das diversas cadeiras.

Entre os lentes das cadeiras instaladas no Instituto Clínico, posteriormente denominado de Instituto Alfredo de Britto, é citado o professor Climério Cardoso de Oliveira, empossado em 1885, que foi o primeiro mestre da cadeira de clínica obstétrica e ginecológica e um dos fundadores da maternidade que até hoje lhe traz o nome. Prevista desde a reforma do ensino médico de 1854, coube ao dinâmico e zeloso Professor Pacífico Pereira as primeiras medidas concretas para a construção da maternidade da Faculdade de Medicina da Bahia, que só teve as obras iniciadas na gestão do Diretor Augusto César Vianna. Inaugurada no dia 30 de outubro de 1910, ao lado do Hospital Santa Isabel, contou com o apoio do ex-Diretor Alfredo Thomé de Britto, dos governos federal, estadual e municipal, e de um Comitê de Senhoras Baianas, que angariou apreciável quantia. Foi considerada “completa em seu gênero, porque exemplifica em todo seu arranjo e em seus mais minudentes dispositivos, os mais notáveis progressos da arte posta ao serviço exigente da ciência moderna”.

### **Por fim, a Ginecologia, no Século XX**

Em 1911, instituída pelo decreto nº 8.659 de 5 de abril, assinado pelo Presidente da República Hermes da Fonseca e referendado pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores Rivadávia Corrêa, entrou em vigor a Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental da República. Nessa mesma data foi publicado o decreto nº 8.611, que aprovou o regulamento das faculdades de medicina. Seguindo os moldes das universidades alemãs, esta lei restabeleceu a autonomia didática e administrativa das faculdades.

As faculdades de medicina deveriam oferecer os cursos de ciências médicas e cirúrgicas, de farmácia, de odontologia e de obstetrícia (art. 1º do decreto nº 8.661). Quanto ao currículo do curso de ciências médicas e cirúrgicas, que seria dividido em seis séries, as cadeiras de patologia médica, patologia cirúrgica, clínica propedêutica e obstetrícia (eminentemente teórica) foram suprimidas. Em contrapartida, foram introduzidas

as cátedras de física médica, patologia geral, ginecologia (ensino das doenças das mulheres, desmembrada de obstetrícia) e otorrinolaringologia.

O decreto nº 19.851 de 11 de abril de 1931, assinado pelo Chefe do Governo Provisório Getúlio Vargas e pelo Ministro da Educação e Saúde Pública Francisco Campos, dispôs sobre o ensino superior no Brasil, que passaria a obedecer ao sistema universitário, seguindo os dispositivos dos Estatutos das Universidades Brasileiras. Essa reforma de ensino ficou conhecida como Reforma Francisco Campos.

Após a criação da Universidade da Bahia, em 1946, através do decreto-lei nº 9.155 de 8 de abril, assinado pelo Presidente da República General Eurico Gaspar Dutra e pelo Ministro da Educação Ernesto Sousa Campos, e de sua instalação em 2 de julho do mesmo ano, a situação do ensino da ginecologia consolidou-se, ainda mais após a inauguração do Hospital das Clínicas no Canela, ao lado do prédio da Reitoria, para onde foram transferidos todos os serviços até então locados no Hospital Santa Isabel.

### Os Professores Catedráticos de Ginecologia

Durante o século XX, a ginecologia na Bahia alcançou grande destaque, graças à atuação de três grandes professores: José Adeodato de Souza, Aristides Pereira Maltez e Alicio Peltier de Queiroz, cujos conhecimentos, capacidade técnica e brilhantismo possibilitaram a formação de docentes e de profissionais que durante vários anos ocuparam posição de destaque na prática ginecológica do Brasil.

A rememoração da trajetória desses personagens, marcantes na galeria de “estrelas” que compuseram o deslumbrante firmamento da Faculdade de Medicina da Bahia nos três primeiros quartéis do século XX, ensejar-nos-á acompanhar a história da Ginecologia na Faculdade de Medicina da Bahia.



**Professor Doutor José Adeodato de Souza (Figura 1)**

#### Dados Biográficos

Nascido em 1873, em Cachoeira, foi o sexto e último filho do comerciante, administrador de fazendas e afamado rábula na região, Manuel Adeodato de Souza e de Elísia Adeodato de Souza.

Após os primeiros estudos na cidade natal, mudou-se para Salvador, para prosseguir no seu aprendizado, trazendo consigo o gosto pelas letras, cultivado na casa paterna. Realmente, o exemplo de seriedade, estudo, trabalho e convívio de Manuel Adeodato de Souza, repercutiu de forma positiva em seus filhos, que alcançaram sucesso profissional e social nos meios em que viveram.

José Adeodato, inteligente e decidido, excepcionalmente dotado para línguas, estudou grego, latim, francês, alemão, inglês e italiano. E muito jovem, aos 22 anos, em 1895, colou grau de Doutor em Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, com a tese inaugural “Considerações sobre o botão endêmico dos países quentes, principalmente na Bahia”.

Ficou noivo de Olívia Bacelar, décimo primeiro rebento da união de Evaristo Bacelar e Amélia dos Santos Pereira Bacelar, de Feira de Santana, nascida depois da morte do pai. Durante o noivado, José Adeodato ensinou francês à sua noiva, decidido que estava de passar com ela um tempo em Paris. Em 1907, já casados e com quatro filhos, empreenderam a almejada temporada na Europa, aperfeiçoando os seus conhecimentos no setor de ginecologia.

Do seu casamento com Olívia nasceram oito filhos, 3 homens e cinco mulheres, tendo o primogênito falecido ainda criança. Dos homens, somente um, José Adeodato de Souza Filho, abraçou a carreira médica. Entre as mulheres, Maria Olívia foi mãe da médica Lia Theresa Savastano Ribeiro e Noêmia foi mãe de Lívia Augusto da Silva Teixeira, esposa do professor desta faculdade, Rodolfo dos Santos Teixeira.

Alegre e comunicativo, gostava de promover festas dançantes em sua residência, uma agradável casa na entrada do Garcia, para as quais convidava os seus alunos da faculdade.

Em rota ascendente na carreira profissional e acadêmica, realizou a primeira operação cesariana na Bahia, uma vez que praticava também a obstetrícia em sua clínica privada, onde atendia vasta clientela, atraída por seu fino trato e espírito generoso.

Foi chefe da enfermaria militar provisória, na Faculdade de Medicina da Bahia, na campanha de Canudos, e, por concurso, preparador de Anatomia Médico-cirúrgica de 1896 a 1902. A partir de 1902, também por concurso, foi professor substituto de Clínica Obstétrica e Ginecológica, até que assumiu a pioneira Cátedra de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1911, com o desdobramento introduzido pela reforma Rivadávia, anteriormente referida. Foi, assim, o primeiro professor de ginecologia e é considerado o iniciador, na Bahia, da especialidade em que se consagrou como um dos maiores mestres no Brasil. Exerceu a cátedra até 1925, quando passou a Professor em disponibilidade, pela reforma Rocha Vaz.

Humanista, escritor, polemista, cirurgião, obstetra, ginecologista e professor brilhante, foi, durante muitos anos, ginecologista da Santa Casa de Misericórdia e do Hospital Santa Isabel.

Durante toda a sua vida, publicou inúmeros trabalhos, versando sobre os mais variados temas, em revistas nacionais e estrangeiras. Além de muitos discursos, publicou diversos

livros, o mais expressivo dos quais é a sua “Propedêutica Ginecológica”, até hoje de grande atualidade e utilidade, saída do prelo em 1929. Entre outras contribuições, merece destaque o desenvolvimento da técnica de histerectomia que lhe tomou o nome, uma variação da técnica preconizada por Gillian, que em alguns textos é referida como histerectomia de Gillian-Adeodato.

Além das suas realizações pessoais, o Professor José Adeodato de Souza teve o grande mérito de servir de exemplo e incentivo ao seu filho, José Adeodato de Souza Filho, posteriormente Catedrático de Obstetrícia desta escola um ano antes do seu precoce falecimento em 1930, devido a complicações de cirurgia de vesícula a que se submetera.

Em vida e após a morte, o Professor José Adeodato de Souza foi alvo de grandes homenagens, tanto oficiais como particulares.

Uma das mais significativas homenagens póstumas foi a instituição pelo seu ex-aluno e sucessor, Professor Alicio Queiroz, que o rotulava de gênio, do Prêmio José Adeodato de Souza, conferido anualmente ao doutorando que escrevesse o melhor trabalho ou a mais interessante observação comentada sobre assunto da Ginecologia.



**Professor Doutor Aristides Pereira Maltez (Figura 2)**

Dados Biográficos

Natural de Cachoeira, Bahia, nasceu em 31 de agosto de 1882. Era o oitavo dos dez filhos de Francelino Pereira Maltez e de Amélia da Glória Guimarães Maltez.

Dos 8 filhos homens do casal, 5 foram médicos, um foi fazendeiro e dois, funcionários públicos: Francelino, fazendeiro; Thomaz, médico-anestesiologista; Honorato, médico e juiz de direito; Euclides, funcionário público; Pedro, médico e cirurgião dentista; Manoel, funcionário público; Antonio e Aristides: médicos. As mulheres foram: Marieta, de prendas domésticas, e Áurea, professora.

Iniciou os estudos em Cachoeira em 1890, que foram concluídos em Nazaré das Farinhas, outra cidade do recôncavo baiano. Transferiu-se para Salvador em 1897, onde se

bacharelou em Ciências e Letras, no antigo Ginásio da Bahia, em 12 de dezembro de 1902. Foi aluno laureado, distinguindo-se, depois, no exercício do magistério, como professor de preparatórios, ensinando grego, latim, inglês, francês, português e ciências físicas e naturais.

Em 31 de março de 1903 ingressou na Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus e, concomitantemente, convidado pelo governo do Estado da Bahia, passou a lecionar grego, latim e português no Ginásio da Bahia, função que desempenhou até 1937, tendo sido mestre de incontáveis gerações.

Teve 5 filhos, todos do sexo masculino: Luiz, Guilherme, Carlos, Aristides e Jorge. Entre eles foram mais destacados no meio médico o falecido Professor Carlos Aristides Maltez, pai das médicas Maria Romilda e Elza, Livre Docente de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade da Bahia, professor de Ginecologia na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública; e o Dr. Aristides Pereira Maltez Filho, diretor do Hospital Aristides Maltez, ex-presidente do Conselho Regional de Medicina – CREMEB, meu colega desde o curso primário no Colégio Marista de Salvador.

Na Faculdade de Medicina da Bahia fez um curso brilhante, sempre merecedor das melhores notas, formando-se, como orador oficial da turma, de 1908. Era considerado orador primoroso, ora comovente, ora empolgante. E, quando necessário, mobilizador das massas. Sustentou tese em 14 de dezembro de 1908, aprovado com distinção, recebendo o grau de Doutor em Medicina em 19 do mesmo mês.

Em 1909, viajou para os Estados Unidos da América do Norte, onde se especializou em ginecologia e obstetrícia, ouvindo as lições de grandes mestres no *New York Post-Graduate Medical School and Hospital* e freqüentando o *Beth Israel Hospital* de Nova Iorque.

Ao regressar, estabeleceu concorrida clínica particular, que manteve até o fim da vida.

Em 9 de maio de 1910, foi nomeado preparador da Cadeira de Fisiologia, no licenciamento do Preparador efetivo, exercendo o cargo até 10 de novembro. Em 5 de julho de 1911, por proposta do Professor José Adeodato de Souza, é nomeado Assistente da Cadeira de Clínica Ginecológica, onde permaneceu até agosto de 1919. Em 1914 candidatou-se à Livre Docência de Clínica Ginecológica, sendo nomeado em 31 de junho do mesmo ano. Em 15 de abril de 1919 inscreveu-se para o concurso de Professor Substituto da 14ª seção, Cadeira de Clínica Ginecológica, realizado no dia 27 desse mês, como candidato único, sendo aprovado plenamente. Nomeado para o cargo por decreto de 25 de junho de 1919, tomou posse em 2 de agosto, quando pronunciou belo discurso.

Em 1932, em consequência da meritória carreira e após brilhante concurso, tornou-se Professor Catedrático de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Bahia, cargo que exerceu até o seu desaparecimento em 1943.

Foi hábil e primoroso cirurgião, dos maiores da sua geração, tendo, inclusive, idealizado duas técnicas de cirurgia

ginecológica: a histeropexia, intitulada “a Maltez”, e a peritonização em bolsa do assoalho peritoneal.

Escreveu e publicou vários discursos e alguns trabalhos sobre assuntos diversos, muitos deles apresentados à Sociedade de Medicina dos Hospitais e publicados na *Gazeta Médica da Bahia*.

Depois de sua morte, a ginecologia foi dirigida interinamente, por designação do Conselho Técnico-administrativo, pelo Professor Catedrático da Clínica Ginecológica, Professor Antônio Pereira Maltez, irmão do falecido, até o concurso de 1945, quando ele disputou a cátedra com José Adeodato de Souza Filho e Alicio Peltier de Queiroz, concurso de que o último saiu vencedor.

Aristides Maltez foi o precursor da cruzada contra o câncer nas camadas mais pobres da população, tendo desenvolvido intenso trabalho na prevenção e tratamento dessa afecção. Idealizou a construção de um instituto especialmente destinado ao tratamento do câncer feminino, principalmente do câncer de colo do útero que atormentava as mulheres e as fazia penar, por falta de vagas, na porta do Hospital Santa Izabel. Para esse fim, adquiriu, em 1930, no bairro de Brotas, por trezentos contos de réis, a denominada Chácara Boa Sorte, para o que contou com o apoio do então governador do Estado da Bahia, Landulpho Alves de Almeida, e de contribuições da sociedade baiana.

Conseguiu levar mais adiante o seu ideal com a fundação da Liga Bahiana Contra o Câncer, em memorável sessão no dia 13 de dezembro de 1936, com o apoio de 52 abnegados companheiros, com especial destaque para o Professor Ruy de Lima Maltez. De sua oração no ato da fundação ressaí a frase que até hoje norteia a ação da sua instituição: “Esta é a lâmpada da caridade que jamais se apagará no coração dos meus seguidores”.

No lançamento da pedra fundamental em 1940, mais uma vez demonstrando sua sensibilidade com o social, proferiu a frase: “A semente de carvalho está lançada. A sua sombra não será, porém, mais para mim; servirá, sim, para dar abrigo aos cancerosos pobres da Bahia”.

Aristides Pereira Maltez morreu em 5 de janeiro de 1943, antes que o terreno localizado em Brotas se transformasse no Instituto de Câncer da Bahia. Não deu tempo de ver a Chácara Boa Sorte transformada no hospital que ostenta o seu nome, muito menos conhecer os pacientes ali tratados da trágica doença. O prédio, erguido com a ajuda do governo, até hoje permanece como marco da sua passagem e como homenagem ao homem abnegado que será para sempre lembrado como médico benemérito, respeitadíssimo em Salvador.

Seus colaboradores, em memória ao realizador da obra, decidiram denominar o Instituto de Câncer da Bahia de Hospital Aristides Maltez, que iniciou seu funcionamento em fevereiro de 1952, mas só foi concluído em 1984, graças à inestimável ajuda do à época governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães.

O Hospital Aristides Maltez é, atualmente, dirigido, com reconhecida proficiência, pelo seu filho, Dr. Aristides Pereira Maltez Filho.



**Professor Doutor Alicio Peltier de Queiroz (Figura 3)**  
Dados Biográficos

Filho do fazendeiro Eunápio Rosa de Queiroz e de Eugênia Peltier de Queiroz, Alicio Queiroz nasceu em Valença – Bahia, em 29 de julho de 1906. Teve os seguintes irmãos: Diogo, que se tornou Cirurgião-Dentista, pai do professor da Faculdade de Odontologia Vicente Queiroz e avô da professora de Ginecologia desta faculdade Conceição Queiroz; Eunápio, formado em engenharia, Paulo, Virgínia e Inocêncio, este também médico. Após completar nessa cidade os seus estudos preliminares, transferiu-se para Salvador, onde cursou os estudos preparatórios que lhe permitiram o ingresso na Faculdade de Medicina da Bahia, de onde se graduou aos 21 anos, em 1927, com a tese “Breves Considerações sobre a Physiologia da Puberdade na Mulher”, numa turma de “notáveis” no magistério e na prática médica na Bahia, da qual fizeram parte os professores Hosannah Oliveira, Jorge Valente, José Silveira, Thales de Azevêdo e o Dr. Diógenes Vinhaes, pai de sua futura colaboradora Professora Lycia Adelaide Junquillo Vinhaes.

Após a formatura, por circunstâncias pessoais, mudou-se para Vitória do Espírito Santo, onde durante alguns anos exerceu a medicina, a cirurgia, a ginecologia e a obstetrícia, como era o comum naquela época.

Uma vez retornado a Salvador, uniu-se pelo matrimônio a senhora Luzia Queiroz, com quem teve uma filha, Maria de Lourdes, já falecida, que após o casamento foi residir em Maringá, no Paraná, e lhe deu quatro netos, três homens e uma mulher.

Mudou-se para Itabuna, onde prosseguiu sua prática médica e onde experimentou grande sucesso, mesmo enfrentando as naturais dificuldades de uma cidade isolada no interior da Bahia naquela época. Montou uma casa de saúde, onde cuidava dos seus pacientes e operava praticamente de tudo, estudava ininterruptamente e desdobrava-se em trabalhos de observação clínica, alguns dos quais publicou em revistas médicas. Além disso, durante muitos anos, publicou os *Annaes da Sociedade de Medicina*

e *Cirurgia de Itabuna*, publicados pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de Itabuna, fundada em 1º de Dezembro de 1935, onde relatava as suas observações próprias e de colegas, fato inédito em cidade do interior da Bahia.

Essa trajetória foi parcialmente conturbada pelo falecimento da esposa, o que, contudo, não lhe arrefeceu o ânimo. Em 1935 casou-se novamente com distinta senhorita da sociedade itabunense, Maria Dalva Soares, culta senhora que se mantém surpreendentemente informada, atualizada, politizada, lúcida e em perfeita saúde, no esplendor dos seus 92 anos. Deste casamento nasceram duas filhas, Alba Regina, falecida, sem filhos, e Heloísa, que lhe deu dois netos, Alicio José e Heloísa, do matrimônio com o falecido colega Carlos Alberto da Costa Pinto Dantas, que foi professor adjunto de Obstetrícia, com atividade na Maternidade Climério de Oliveira, onde fez importantes pesquisas na área da reprodução humana.

Em 1945, movido pelo insaciável desejo de partilhar seus conhecimentos e de pôr todo o seu potencial a serviço da ciência, inscreveu-se no concurso para o provimento da Cátedra de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Bahia, que fora ocupada pelo ilustre professor Aristides Pereira Maltez, em que teve como concorrentes os doutores Antônio Maltez e José Adeodato de Souza Filho, futuro Professor Catedrático de Obstetrícia. Realizado o concurso, depois de diversos adiamentos, mesmo não sendo o preferido da situação, sagrou-se vencedor com tão brilhante atuação que tornou incontestemente o resultado. A partir daí começou a formar a equipe que o acompanhou durante muitos anos, da qual fizeram parte inicialmente os professores João Costa Filho, Jair Francisco Burgos, Hugo da Silva Maia, Geilza Cravo Batinga, e depois Adelmo Maurício Botto de Barros, Maria de Lourdes Rocha Santos, Lycia Vinhaes, Carlos Alberto da Costa Pinto Dantas, com os quais criou e implantou a imponente “Escola de Ginecologia” da Bahia. Foi essa brilhante equipe que encontrei na enfermaria do primeiro andar e no ambulatório do segundo subsolo quando lá cheguei em 1956, na qualidade de interno.

Fui feliz por ter ingressado como aluno nesta escola em 1953, o que me possibilitou testemunhar o valor, o saber, a habilidade didática e a dedicação de mestres que realmente justificaram a fama e o prestígio de que gozou esta escola de medicina desde a sua fundação e que a acompanharam nos primórdios da criação da Universidade da Bahia, à qual se incorporou. Qualidades que infelizmente não conseguiu manter, premida pelas dificuldades impostas, como à maioria das instituições federais de ensino superior em estados menos desenvolvidos, pelo maniqueísmo da ditadura, pela, a meu ver, extemporânea implantação da reforma universitária, pela crônica carência de verbas, pela falta de renovação docente, cujas conseqüências cada vez mais nos afligem.

Fui também feliz ao escolher a ginecologia como área de atuação, o que me permitiu conviver por longos e proveitosos anos com o Professor Alcício Peltier de Queiroz, de quem me tornei discípulo, admirador e, ousado dizer, amigo, desde o meu retorno em 1962 da pós-graduação nos Estados Unidos, que

me foi propiciada pelo Professor Roberto Figueira Santos, ao término da Residência Médica.

Fiel aos hábitos adquiridos nos seus anos de Itabuna, acordava cedo, iniciava os trabalhos aos primeiros albos da manhã e exigia dos seus assistentes, da enfermagem do hospital e dos anestesistas horários nunca dantes praticados no Hospital das Clínicas. A primeira cirurgia tinha de começar exatamente às 7 horas, mesmo quando os canhões do golpe de 64 invadiram as ruas e praças da cidade. Rotina que mantinha graças à eficiência da enfermeira Hyeda Rigaud e a fiel dedicação da senhora D. Antônia, sua ajudante-secretária-assistente-ecônoma, que consigo trouxe de Itabuna, também sua atendente no consultório do Edifício Sulacap.

Foi nesse ambiente que Alicio Peltier de Queiroz “fermentou” sua atividade magisterial, apoiada em vastos conhecimentos clínicos, grande habilidade cirúrgica e elaborada didática. Não satisfeito com o desempenho pessoal, incentivava os seus assistentes a progredir na carreira universitária, tendo a maioria deles obtido a Livre Docência, única qualificação acadêmica disponível na época. Posteriormente, incorporou novos colaboradores, entre eles Augusto Lopes Pontes, Maria da Purificação Paim Burgos, Fortunato Trindade, Hilton Pina, dois deles portadores de títulos de Mestre e de Doutor, a maioria ainda exercendo o magistério, sempre com o propósito de manter alto o prestígio da especialidade na Bahia.

Paralelamente ao magistério, o Professor Alcício desenvolveu uma concorrida clínica particular, composta de novas pacientes de Salvador e de antigas clientes de Itabuna, que dificilmente o deixavam. Operava com grande frequência no Hospital Português. Teve notável sucesso profissional, adquiriu confortável casa na Barra Avenida, onde por longos anos viveu com sua família até mudar-se para um apartamento no Edifício Concórdia, onde viveu até o fim dos seus dias e onde continua morando sua viúva Dona Dalva. Foi nessa ocasião que decidiu se tornar também criador de gado em Boa Vista do Tupim, adquirindo propriedade que manteve por toda a vida.

Nos últimos anos do magistério perdeu um tanto do entusiasmo inicial, atropelado pela reforma universitária, que o despojou de parte das atribuições e do título de Catedrático, substituído pela inócua designação de Professor Titular, pelas dificuldades financeiras da Universidade da Bahia pós-Edgard Santos, que se refletiram na degradação física e funcional do Hospital das Clínicas, que se vem tentando, com relativo sucesso, recuperar em anos recentes. Por isso, foi-se afastando aos poucos, curtindo em surdina o seu desencanto, mas continuou freqüentando o Hospital das Clínicas até o seu afastamento definitivo.

Depois de compulsoriamente aposentado da Faculdade de Medicina da Bahia em 1976, continuou exercendo atividades em sua clínica privada e no Hospital Jorge Valente, atendendo justo convite do então diretor Jorge Valente Filho, até que o insucesso de uma cirurgia de catarata lhe retirou a capacidade de atuação. Viveu os últimos anos um tanto recluso,

atendendo a poucos convites para participação em eventos e homenagens.

Em 1987, Professor Alicio recebeu expressiva honraria, com a inauguração do seu retrato na Santa Casa de Misericórdia de Itabuna, para onde se deslocou acompanhado de grande comitiva de auxiliares e alunos.

Após a sua aposentadoria, foram-lhe prestadas diversas homenagens, algumas no desempenho das minhas atividades acadêmicas, profissionais e associativas.

A primeira, em 1986, quando completou 80 anos, em que a data do seu aniversário caiu exatamente numa 3ª feira, dia histórico da sessão clínica de Ginecologia, por ele instituída, quando todo o corpo docente, depois de concorrida homenagem na sala de aulas, em que lhe fiz o discurso de saudação, inaugurou o seu retrato e uma placa comemorativa na sala da chefia da clínica, no segundo andar, com os seguintes dizeres: *Mestre e Modelo de incontáveis gerações de ginecologistas*. Tanto um quanto a outra permanecem no mesmo local, como lembrete para as gerações futuras do grande homem que dirigiu por tantos anos o destino da ginecologia baiana.

Em novembro de 1993, ao término dos meus quatro anos de mandato como presidente da Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia - FEBRASGO, consegui convencê-lo a comparecer à sessão inaugural do Congresso Brasileiro, por mim presidido, e levá-lo a compor a mesa que presidiu aquela solenidade, ocasião em que lhe foi entregue uma medalha comemorativa do evento.

Em 9 de junho de 2003, ao lado do seu féretro, instado por membros da família, proferi algumas palavras que, se foram despreziosas na forma, refletiram a emoção verdadeira de que estava possuído. Afirmei na ocasião, e não troco no que disse uma sílaba, que *“a sua aposentadoria abriu uma grande lacuna no ensino da Ginecologia na Bahia e a sua morte deixa um enorme vazio na lembrança de todos nós”*.

Por tudo isso, para preservar uma memória importante para a medicina baiana, recebi do CREMEB o convite para escrever um texto sobre a vida e a carreira do Professor Alicio Peltier de Queiroz, que foi publicado no Jornal do CREMEB nº 113, de agosto de 2003, do qual transcrevo algumas passagens:

“Falar do homem Alicio é reconhecer o caráter ímpoluto, a operosidade como médico inteligente e capaz, a firmeza das posições e princípios na vida profissional, social e familiar”.

“Falar do professor é discorrer sobre a capacidade de liderança e organização, o entusiasmo no desempenho das atividades de ensino, calcadas em apreciada eloquência, bem cuidada didática e exemplar desempenho técnico”.

“Conheci-o em 1956, no quarto ano do curso médico, quando prestei concurso para o Internato de Ginecologia, o que me propiciou uma convivência quase diária, levada a severas reprimendas por erros e descuidos, a cansativas tarefas, a noites maldormidas pela necessidade de estudar, para ter prontas as

respostas a inesperados questionamentos, e de chegar em tempo às precoces visitas à enfermaria, às sessões clínicas e ao preparo das atividades cirúrgicas, iniciadas às 7 em ponto ...”.

“Adotamos pontos de vista divergentes em várias ocasiões, o que não impediu o Professor Alicio de oferecer-me importante apoio nos concursos a que me submeti”. Pouco a pouco conquistei o seu respeito, já que simpatia foi sempre uma constante no nosso relacionamento”.

“Penso que realizei todas, ou pelo menos grande parte, das apostas que ele fez em mim, durante os longos anos em que exerci a chefia da Clínica Ginecológica, culminando na minha aprovação no tardio concurso de Professor Titular, em 1999. Como bom mestre, acompanhava a minha trajetória, telefonando para cumprimentar-me nessas ocasiões”.

É por tudo isso, por ser e agir da forma que foi e fez, que Alicio Peltier de Queiroz continua um homem atual, vivo na lembrança dos que com ele conviveram e que fruíram da sua inteligência e dos seus ensinamentos.

#### **Acontecimentos Recentes e Situação Atual**

Após a aposentadoria do Professor Alicio Queiroz, a disciplina Ginecologia esteve sob minha responsabilidade durante 23 anos, período em que não houve abertura de concurso para provimento do cargo de professor titular de Ginecologia na Faculdade de Medicina da Bahia.

Em consequência da reforma universitária de 1968, as cátedras, transformadas em disciplinas, foram agrupadas em departamentos. A disciplina de Ginecologia fez parte, durante curto período, do Departamento IX (Ginecologia-Obstetrícia), migrando em seguida, em 1971, para o Departamento de Cirurgia, onde permaneceu durante longos anos.

Em setembro de 1968, fui convocado pelo Professor Alicio Queiroz para proceder a adaptação do currículo de Ginecologia aos moldes preconizados pela reforma e em junho de 1972 fui designado para a chefia da disciplina. Em dezembro de 1973, fui nomeado Chefe da Enfermaria 2-D e em julho de 1974, designado para coordenar a disciplina, após a homenagem prestada ao Professor Alicio em 16 de julho, data do seu aniversário.

A falta de perspectivas de progressão na vida acadêmica desde que, com a aprovação na Livre Docência, em 1979, fora promovido ao cargo de Professor Adjunto IV, fizeram-me derivar para atividades de cunho profissional, ocupando, em seqüência, a presidência da Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia da Bahia – SOGIBA – entre 1980 e 1983, a presidência do Conselho Regional de Medicina da Bahia – CREMEB – de 1983 a 1988, e a presidência da Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia – FEBRASGO – de 1989 a 1993, quando então retornei às atividades plenas na Faculdade de Medicina da Bahia.

Em 1993, atendendo à diretriz do Diretor Professor Heonir Rocha, uma comissão instituída para estudar a redepartamentalização da faculdade, por mim presidida,

propôs, entre outros, a criação do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia. Obtida a aprovação do Conselho de Coordenação, o departamento foi instalado em julho do ano seguinte, tendo como primeiro chefe o Professor Manuel Bonfim de Souza Filho, da disciplina Obstetrícia, que o dirigiu durante dois anos. Às duas disciplinas iniciais foi posteriormente incorporada a Reprodução Humana, que, com a Pediatria e a Obstetrícia, compusera o Departamento Materno Infantil, passando a ser denominado de Departamento de Ginecologia, Obstetrícia e Reprodução Humana – DEGORH.

Em julho de 1996, fui eleito por unanimidade chefe desse departamento, função que ocupei em dois mandatos consecutivos, até julho de 2000, quando fui substituído pela Professora Margarida Matos.

Em agosto de 1996, ocupando a representação da Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA no Conselho de Coordenação, fui nomeado pela Portaria nº 1.316/1996 do Reitor Filipe Serpa para participar da Comissão de Alocação de Vagas para a Abertura de Concurso Público de Professor Titular, cujo relatório final foi entregue ao M. Reitor em 12 de dezembro de 1996.

Do trabalho dessa comissão, resultou a proposta de abertura de concursos de titular em todos os departamentos da universidade, incluída aí uma vaga para o nosso departamento. Infelizmente, a despeito de terem sido adotadas todas as medidas legais e institucionais necessárias, por motivos não revelados, o Professor Filipe Serpa terminou o seu mandato sem realizar os concursos propostos, o que somente foi concretizado no reitorado do seu sucessor, Professor Heonir de Jesus Pereira da Rocha.

Em 1998 foram abertas as inscrições para o concurso na única vaga da área de toco-ginecologia, uma vez que a Reprodução Humana já possuía professor titular. Foram meses de intenso preparo - atualização e impressão do currículo, com todos os comprovantes “xerocados” na íntegra, tudo em seis exemplares, confecção do memorial, preparo dos instrumentos didáticos para a conferência de livre escolha - e expectativa, até a realização das provas, marcadas para 13 a 18 de setembro de 1999.

Para essas inscreveram-se 7 candidatos, os professores José de Souza Costa e Hilton Pina da Ginecologia; Elias Darzé de Obstetrícia; Ione Barbosa, Paulo Spínola e José Santiago de Codes de Reprodução Humana, que, por problema de saúde, foi impedido de realizar as provas; Geraldez Thomas, da Universidade Federal da Paraíba.

Findos os exames, fui proclamado vencedor, com distinção, tendo obtido nota máxima em todas as provas. Foi o

coroamento do meu projeto de vida, para o qual me preparei com o grau de Doutor, obtido em março de 1963, com a Tese “Importância da Identificação da Cromatina Sexual e do Complemento Cromossômico no Esclarecimento das Anomalias do Desenvolvimento” e de Livre Docente, defendido em agosto de 1979, com a Tese “Perturbações Endócrinas na Esquistossomose. Aspectos Experimentais da Esquistossomose Hepato-Esplênica em Camundongos”, pois, jamais, em nenhuma circunstância, mesmo nos tediosos longos anos de espera, pensei em desistir do propósito de atingir o topo da carreira universitária.

De imediato, reassumi minha função de chefe da Clínica Ginecológica do Hospital Professor Edgard Santos, o que coincidiu com o término do meu mandato de chefe de departamento. Nomeado em janeiro de 2000, permaneci em atividade até a aposentadoria compulsória em abril de 2002, no Cargo de Professor Titular com Livre Docência em regime de tempo integral, depois de 42 anos de magistério. Como declarado no Memorial que apresentei para o concurso, mantive-me “na trincheira, como em Canudos, até o último cartucho”.

Lamento ter deixado uma escola mergulhada em problemas: desprestigiada, mal-equipada, carente de professores, sofrendo significativa evasão de docentes por abandonos, aposentadorias precoces e pedidos de demissão, com inaceitável dependência de professores substitutos, refém das greves, como a atual que já dura seis meses, lamento compartilhado por todos os que amam e respeitam a Faculdade de Medicina da Bahia, a despeito do complexo de Doutor Pangloss que acomete alguns, que rejeitam a realidade e acreditam que “tudo está perfeito no melhor dos mundos”.

Atualmente, a disciplina Ginecologia vem sendo interinamente dirigida pelo Professor Hilton Pina, que acumula o exercício da chefia do departamento, contando com a colaboração dos seus contemporâneos e de professores incorporados mais recentemente.

### **Agradecimentos**

Pela inestimável ajuda emprestada à confecção deste trabalho, são merecedores de sinceros agradecimentos a Dra. Lia Theresa Savastano Faria Ribeiro e a Sra. Livia Augusto da Silva Teixeira, netas do Professor José Adeodato de Souza; o Dr. Aristides Pereira Maltez Filho; a Sra. Dalva Soares Peltier de Queiroz, viúva do Professor Alício Peltier de Queiroz; e o diligente membro do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, Dr. Antônio Carlos Nogueira Britto.